

---

## Mais do que apenas 3%: a ficção científica seriada brasileira <sup>1</sup>

Rogério FERRARAZ <sup>2</sup>

Ana Carolina CHAGA<sup>3</sup>

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

### RESUMO

A ficção científica no audiovisual brasileiro já rendeu diversos estudos, porém, a quase totalidade dos trabalhos refere-se ao cinema. Pouco se abordou sobre esse gênero na ficção televisiva, com os escritos ficando muitas vezes restritos à série 3%, disponibilizada pela Netflix, entre 2016 e 2020. No entanto, o caso de 3% não é único em se tratando de ficção científica televisiva no Brasil. É justamente para iniciar um panorama histórico que esse artigo foi proposto. A ideia é partir dos primórdios da televisão no país, nos anos de 1950, com o caso do *Capitão 7*, na Record, por exemplo, e chegar aos dias atuais, nos serviços de streaming, com produções como a já citada 3%. O objetivo final não será apenas elaborar uma cronologia histórica, mas, especialmente, apontar, se possível, os traços em comum que se configurem como tendências desse gênero no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ficção televisiva; Narrativa seriada; Ficção científica; Brasil.

### INTRODUÇÃO

Apesar de ser um campo de estudos relativamente recente, a presença da ficção científica no audiovisual brasileiro já rendeu dissertações, teses, artigos acadêmicos e livros. Porém, a quase totalidade desses trabalhos refere-se ao cinema nacional, como, por exemplo, na obra já seminal de Alfredo SUPPIA, *Limite de alerta! Ficção científica em atmosfera rarefeita: uma introdução ao estudo da FC no cinema brasileiro e em algumas cinematografias off-Hollywood*, tese de doutorado defendida em 2007, no Programa de Pós-Graduação em Multimeios, na Unicamp, e que posteriormente serviu como base para o seu livro *Atmosfera rarefeita: a ficção científica no cinema brasileiro*,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Ficção Televisiva Seriada do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica, Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, email: [rogerioferraz@uol.com.br](mailto:rogerioferraz@uol.com.br).

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, email: [cah.chaga@gmail.com](mailto:cah.chaga@gmail.com).

---

lançado em 2013. Pouco se abordou sobre esse gênero na ficção televisiva brasileira. E geralmente, quando isso ocorreu, o centro das atenções recaiu sobre a série *3%*, produzida e disponibilizada pela Netflix, como, por exemplo na dissertação de mestrado *Distopia na cultura de massa: Netflix e a série 3%*, de Amanda Ferreira SANTOS, defendida em 2018 junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Arte, na Unifesp, ou no artigo *A série 3% da Netflix como distopia crítica*, de M. Elizabeth GINWAY, publicado pelo periódico Zanzalá, em 2022, entre outros escritos. Sem dúvida, a série *3%* se destaca nesse cenário, seja por suas qualidades estilísticas e narrativas seja, principalmente, pelo ineditismo do seu modo de produção e circulação, tendo sido desenvolvida por Pedro Aguilera para o serviço de *streaming* Netflix a partir de uma criação dele próprio, um episódio piloto independente, dividido em três partes, lançado no Youtube em 2011, e que acabou se tornando a primeira produção original da Netflix no Brasil, entrando no seu catálogo no final de 2016 e sendo disponibilizada posteriormente para vários países. Porém, o caso de *3%* não é único em se tratando de ficção científica seriada no Brasil. É justamente para iniciar uma primeira tentativa de traçar um panorama histórico das séries brasileiras de ficção científica que propomos esse *paper* ao GT Ficção Televisiva Seriada da Intercom.

É certo que poderíamos buscar as origens da ficção científica seriada brasileira na literatura, em programas de rádio ou nos quadrinhos. No entanto, focaremos aqui somente nos meios audiovisuais, excetuando-se o cinema, indo dos primórdios da televisão no país, nos anos de 1950, e chegando aos dias atuais, com as possibilidades múltiplas que se apresentam: TV aberta, TV por assinatura, internet e *streaming*. Obviamente que se trata aqui de um primeiro exercício histórico e analítico, parte integrante da pesquisa de doutorado de uma das autoras desse *paper*, que se encontra em andamento. Não temos a pretensão de esgotarmos esse mapeamento no âmbito desse artigo (que, aliás, ainda está em fase de construção), mas apenas de pontuarmos certos marcos e apontarmos algumas características temáticas, estilísticas e narrativas que podem (ou não) se configurar como tendências da presença desse gênero na ficção seriada brasileira.

Do *Capitão 7*, série de aventuras criada em 1954 na Record por Rubem Biáfara e que foi ao ar até 1966, sendo realizada primeiramente ao vivo; passando pelo seriado cômico *Tarcísio & Glória*, produzido e exibido pela Globo em 1988, criado por Daniel Filho, Antônio Calmon e Euclides Marinho, dirigido por Roberto Talma e José Carlos

Pieri e protagonizado pelo casal de atores Tarcísio Meira e Glória Menezes; revendo *O Sistema*, minissérie produzida e exibida também pela Globo em 2007, escrita por Fernanda Young e Alexandre Machado e interpretada por Selton Mello, ou *As Aventuras de Fujiwara Manchester*, série animada coproduzida pela Um Filmes e pela Buba Filmes, que estreou na Cultura em 2017; aportando na internet, com webséries como *2012 – Onda Zero*, de 2009, dirigida por Flávio Langoni, e *ApocalipZe*, lançada pela produtora mineira Guerrilha Filmes em 2013; e chegando finalmente nos serviços de streaming atuais, com produções como a já citada *3%*, da Netflix, ou *A Todo Vapor!*, adaptação do universo de *Brasiliiana Steamunk* de Enéias Tavares, que estreou na Amazon Prime Video em 2020, são vários os exemplos que podem ser listados a partir de um breve levantamento de dados e informações sobre a presença da ficção científica nas nossas narrativas seriadas audiovisuais.

## UM BREVE (E INICIAL) PANORAMA HISTÓRICO

Como bem aponta Alfredo Suppia (2013), a ficção científica no Brasil muitas vezes foi a atrelada ao realismo mágico e ao fantástico, fato herdado diretamente da tradição latino-americana de ficção especulativa. Muito dessa noção se deve ao fato do formato *hollywoodiano* de óperas espaciais e alta tecnologia ter se tornado sinônimo do gênero e, como consequência, passou a ficar associado a conceitos ainda muito excludentes dentro de nossa cultura. Porém, roteiristas, produtores e diretores brasileiros buscaram encontrar os caminhos (possíveis) para que o gênero se desenvolvesse por aqui também. E isso desde os primórdios da nossa televisão.

Em 1954, o crítico de cinema e cineasta Rubem Biáfara concebeu o seriado *Capitão 7* para a TV Record. A trama consistia nas aventuras do capitão homônimo do título, que por sua vez recebeu este nome devido ao número do canal da emissora em São Paulo, o sete.

A estreia de *Capitão 7* aconteceu em 24 de setembro de 1954, um ano depois da TV Record entrar no ar, em 27 de setembro de 1953. O ator Ayres Campos fora escolhido para dar vida ao personagem, papel este que exerceu até o fim do seriado, em 1966. De início, o programa era transmitido ao vivo - como toda a programação da TV brasileira na época - até a chegada do videoteipe em 21 de abril de 1960, recurso este que consistia

---

em uma fita de um tamanho de um pneu onde as transmissões podiam ser arquivadas. Após esse período, o seriado passou a ser gravado em película, gravações estas que se perderam em um dos cinco incêndios que ocorreram na emissora ainda durante os anos de 1960. Em 1959, o quadrinista Jayme Cortez adaptou o personagem para as HQs, o que resultou em mais de 40 volumes até 1965.

A trama de *Capitão 7* contava a história de Carlos, um garoto que junto de seus pais morava em uma fazenda no interior de São Paulo, onde um disco voador vindo do Sétimo Planeta – uma justificativa mais plausível dentro da história para o número sete gravado no uniforme e no nome do herói – é obrigado a fazer uma aterrissagem forçada. Em agradecimento aos pais do garoto pelo socorro prestado, o alienígena que pilotava a nave leva o filho destes para o planeta em que vive com o intuito de passar todo seu conhecimento avançado sobre tecnologia e outros assuntos desconhecidos para a raça humana, na intenção de transformar Carlos em uma espécie de “super-humano”. Carlos, já adulto, retorna ao planeta Terra com um conhecimento vasto e munido de seu uniforme com o número sete em destaque.

É bem provável que a ideia por trás da concepção do programa tenha nascido por causa do sucesso dos seriados americanos da época, como, por exemplo, *As Aventuras do Super-Homem*, de 1952, e *Flash Gordon*, de 1954. A própria história de origem do herói é uma espécie de “colcha de retalhos” dos fatos já conhecidos sobre os super-heróis americanos da época.

Anos depois, outro seriado também uniria um enredo envolvendo alienígenas com referências à própria emissora produtora, mas, em vez do número, o foco seria nas próprias estrelas da empresa. Na década de 1980, o seriado *Tarcísio & Glória* entrava no ar na TV Globo – mais precisamente em 28 de abril de 1988 – com uma trama envolvendo genética e alienígenas. Criação de Daniel Filho, Antônio Calmon e Euclides Marinho e direção de Roberto Talma e José Carlos Pieri, o seriado seguia a história de Ava Becker, uma cientista do planeta Aurora que acaba vindo para a Terra em busca da possibilidade de usar homens para perpetuar sua espécie, e Bruno Lazzarini, um empresário conquistador e corrupto. O destino dos dois acaba se cruzando e Bruno decide acolher Ava em sua casa.

O programa, que foi ao ar até 1º de dezembro de 1988, num total de 13 episódios, tinha como tema de abertura a canção “Alô, Alô Marciano”, interpretada por Elis Regina, e era apoiado no bom entrosamento entre seus atores protagonistas, Tarcísio Meira e

---

Glória Menezes, casados na vida real e também produtores da série, além de trazer para as telas assuntos pertinentes como corrupção e feminismo de maneira leve e divertida. Se lá no *Capitão 7*, da Record, a ficção científica se aliava às aventuras de super-heróis, aqui o gênero servia para ancorar a comédia, indo da sátira à ironia crítica.

Já nos anos 2000, podemos destacar o seriado *O Sistema* que foi ao ar entre 02 de novembro e 07 de dezembro de 2007 na TV Globo. Uma criação de Alexandre Machado, Fernanda Young, José Lavigne e Selton Mello e escrito por Alexandre Machado e Fernanda Young, ambos criadores da série cômica de sucesso *Os Normais* de 2001. Misturando teorias da conspiração e ficção científica distópica, aqui acompanhamos a história do fonoaudiólogo Matias, interpretado pelo ator Selton Mello que, após irritar uma atendente de telemarketing, tem sua carteira de motorista cassada, sua energia elétrica cortada e seus dados bancários apagados, tudo articulado pela atendente em busca de uma vingança pessoal. Matias então acaba sendo vítima do “sistema” - uma espécie de ser onisciente e onipresente.

Mas a ficção científica não aparecia apenas na televisão convencional. Nas webséries, por exemplo, podemos destacar *2012 – Onda Zero*, de 2009, criação do carioca Flávio Langoni que acabou não tendo um desenvolvimento posterior a seu episódio piloto por falta de recursos, e *ApocalipZe*, lançada pela produtora mineira Guerrilha Filmes, em 2013.

Também foi além do *live action*. Em 2017, *As Aventuras de Fujiwara Manchester*, série de animação coproduzida pela Um Filmes e pela Buba Filmes, estreou na TV Cultura trazendo uma trama que mistura ficção científica e humor. Idealizada por Alê Camargo, com produção executiva de Arnaldo Galvão, a animação se passa no século XXVII e conta a história de um aventureiro espacial que precisa recuperar uma joia antiga. A primeira temporada teve 13 episódios e contou com investimentos da Ancine e do Fundo Setorial do Audiovisual. Em 2018, a série se desenvolveu em um filme homônimo. Um dos grandes destaques da série é a participação do norte-americano Andrew Probert como designer conceitual e consultor. Probert trabalhou como designer para inúmeras obras de destaque dentro de gênero de ficção científica: *Jornada nas Estrelas: O Filme*, de 1979; os longas *Tron - Uma Odisseia Eletrônica*, de 1982, e *De Volta para o Futuro*, de 1985; a série *Jornada nas Estrelas: A Nova Geração*, de 1987.

---

O alcance e reconhecimento internacional, porém, veio mesmo com a série *3%*, produzida e disponibilizada pelo serviço de streaming *Netflix*. A série foi desenvolvida por Pedro Aguilera a partir de um episódio piloto independente, dividido em três partes, lançado no *Youtube* em 2011, sendo a primeira produção original brasileira da *Netflix*. Ela teve sua estreia em 25 de novembro de 2016 e sua temporada final foi exibida em 14 de agosto de 2020 e contou com a direção geral de César Charlone, indicado ao Oscar de fotografia por *Cidade de Deus*, de 2002.<sup>4</sup>

A história de *3%* se passa em um Brasil distópico dividido em dois territórios: o Continente, um lugar miserável e escasso, e o Maralto, lugar considerado praticamente um paraíso. Ao completar 20 anos, todo cidadão residente do Continente pode passar por um processo para ascender para ao Maralto. Mas apenas 3% dos que tentam, de fato conseguem. O tema segue outros *thrillers* distópicos centrados em adolescentes/jovens adultos como, por exemplo, a série de livros *Jogos Vorazes*, que teve sua primeira publicação em 2008 e se transformou em filme em 2012. Além de outros, como a saga *Maze Runner*, cujo primeiro livro foi publicado em 2009 e foi levado para as telas em 2014, e a saga *Divergente*, lançado como livro em 2011 e levado aos cinemas também em 2014. O piloto de *3%* foi colocado no *Youtube* no meio desta linha do tempo.

Apesar de Pedro Aguilera declarar que a ideia para o conceito da série ter surgido após a leitura dos romances *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, lançado originalmente em 1931, e *1984*, de George Orwell, lançado originalmente em 1949, a premissa de jovens convivendo em uma sociedade distópica e lutando pela sobrevivência provavelmente foi inspirada no romance japonês *Battle Royale*, do escritor Koushun Takami, originalmente concluído em 1996, mas que só foi publicado em 1999. No livro, é contada a história de um programa administrado por um governo totalitário japonês, agora conhecido como a República da Grande Ásia Oriental, onde alunos do ensino médio são forçados a lutar um contra o outro até a morte. Por seu conteúdo extremamente violento, causou controvérsia na sociedade conservadora japonesa, mas ao mesmo tempo se tornou um *best seller*. Em 2000, foi adaptado em uma série de mangá, escrita pelo próprio Takami, e em um longa-metragem. *Battle Royale* virou um fenômeno a ponto de se tornar um gênero específico de jogos eletrônicos. O sucesso, de crítica e público, de *3%* muito se deve pela forma como a série consegue navegar por todas essas inspirações

---

<sup>4</sup> A premiação ocorreu em 2004.

---

e referências internacionais e já clássicas do gênero, mas refletindo sobre temas, anseios e ansiedades do contexto brasileiro contemporâneo, ainda que falando de um futuro distópico,

Outra obra brasileira de ficção científica também chegou ao streaming em 2020, desta vez no *Amazon Prime Video*. Trata-se de *A Todo Vapor!*, adaptação do universo de *Brasiliana Steampunk*, de Enéias Tavares. Com 8 episódios, se passa em 1908 em um Brasil “Retrofuturismo”, ou seja, usando aqui o conceito exemplificado por Elie During (2015):

"Retrofuturismo" indica o cruzamento de tecnologias ou formas de vida "futuristas" com outras tidas como caducas ou ultra-passadas; de maneira mais geral, o termo assinala a transposição dessas tecnologias e formas de vida a suportes ou a molduras de outro tempo. (DURING, 2015, p. 211)

Os personagens de *A Todo Vapor!* são inspirados em livros clássicos da literatura brasileira, daí o nome dos personagens principais: Capitu, uma das protagonistas de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Juca Pirama*, do poema homônimo de Gonçalves Dias.

Mas vale lembrar que não é somente nas séries brasileiras que a ficção científica se aventura em momentos pontuais. Alguns elementos pertencentes ao gênero foram apresentados com destaque na trama de outros gêneros e formatos da ficção seriada, como nas nossas telenovelas, conforme observaram OLIVEIRA e DE ARAÚJO JATENE (2011). Alguns de muitos exemplos: na extinta TV Excelsior, em 1966, na telenovela *Redenção*, fora exibido um transplante de coração, procedimento visto naquele momento como uma possibilidade, pois era ainda inédito no campo da medicina;<sup>5</sup> em 1968, a telenovela *Os Diabólicos*, também na Excelsior, contava a história de um cientista que descobria um material que interessava às grandes potências mundiais e que, após sua morte, tinha seu cérebro transplantado em um pintor que adquiria todo o conhecimento da grande descoberta; em *Os Estranhos*, também na Excelsior, em 1969, a trama envolvia seres extraterrestres. Porém, o maior sucesso de ficção científica na televisão brasileira

---

<sup>5</sup> O primeiro transplante de coração humano do mundo só foi ocorrer em dezembro de 1967, um ano após a exibição da novela.

---

provavelmente pertence a telenovela *O Clone*, de 2001, na TV Globo, com sua trama que envolvia cultura árabe, um amor impossível e clonagem humana.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU AINDA O INÍCIO...

Apesar desse primeiro exercício textual conseguir apenas elaborar uma breve (e, sabemos, ainda incompleta) cronologia histórica da presença da ficção científica na ficção televisiva seriada brasileira, o objetivo da pesquisa (em andamento) será o de apontar, se possível, os traços em comum que se configurem como aspectos constitutivos ou como tendências desse gênero no Brasil.

Para tanto, seguiremos em nossos estudos a definição de ficção científica desenvolvida por SUPPIA (2007) em sua tese mencionada acima. Diz SUPPIA, apropriando-se de Darko SUVIN (1980), escritor e crítico nascido na antiga Iugoslávia e professor na McGill University, em Montreal:

O método de abordagem da ficção científica no cinema brasileiro aqui privilegiado é essencialmente aquele proposto por Darko Suvin, baseado na noção de *novum*. Assim, a ficção científica no cinema brasileiro manifestar-se-á sempre que a narrativa cinematográfica apresentar um *novum* validado cognitivamente. (SUPPIA, 2007, p. 11)

SUPPIA ainda acrescenta, explicando esse conceito de *novum*, que será importante também para nossa pesquisa:

Em resumo, o *novum* é qualquer elemento, seja um artefato técnico, fenômeno natural ou de fundo social, que promove a descontinuidade, isto é, desperta no leitor (ou espectador) a impressão de que aquele mundo ficcional que lhe está sendo apresentado é significativamente diverso do mundo de sua experiência. (SUPPIA, 2007, p. 93)

Assim, a partir dessa base teórica sobre o gênero da ficção científica, mas também ancorados em autores e autoras que nos ajudarão com metodologias de análise aplicadas à ficção televisiva, como, por exemplo, Kristin THOMPSON (2003), David BORDWELL (2008), Jeremy BUTLER (2010), Jason MITTELL (2015), Renato Luiz PUCCI JR e Simone Maria ROCHA (2016), Simone Maria ROCHA (2016), Simone

---

Maria ROCHA e Rogério FERRARAZ (2019), Maria Immacolata Vassallo de LOPES (2019), entre outros e outras, pretendemos atingir, em trabalhos futuros, os objetivos aqui propostos e demonstrar que a ficção científica televisiva seriada brasileira já tem uma vida longa e, se ainda não tão próspera, pelo menos vai muito além de apenas 3%. A seguir, nos próximos episódios...

## REFERÊNCIAS

BORDWELL, D. **Poetics of cinema**. Nova York: Routledge, 2008.

BRAUNE, Bia et al. **Almanaque da TV**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2007.

BUTLER, J. G. **Television Style**. New York: Routledge, 2010.

DURING, Elie. O que é o retrofuturismo? - Introdução aos futuros virtuais. In: **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc, 2015, p. 209-232.

GINWAY, M. E. A série 3% da Netflix como distopia crítica: uma breve análise do protagonismo feminino. In: **Zanzalá – Revista Brasileira de Estudos sobre Gêneros Cinematográficos e Audiovisuais**. Juiz de Fora, MG: V. 9, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/zanzala/article/view/38563>>

**GUIA Ilustrado TV Globo: novelas e minisséries** / Projeto Memória Globo. RJ: Jorge Zahar, 2010.

HERGESEL, J. P.; FERRARAZ, R. Estilística: uma possível metodologia para análise de narrativas televisivas. In: **Triade: comunicação, cultura, mídia**. Sorocaba, SP, v. 5, n. 9, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs3/index.php/triade/article/view/2956>>.

LOPES, Maria I. V. de (org.). **A Construção de Mundos na Ficção Televisiva Brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2019. (Coleção Teledramaturgia; v. 6)

MITTELL, J. **Complex TV: The Poetics of Contemporary Television Storytelling**. Nova York e Londres: New York University Press, 2015.

OLIVEIRA, Igor Silva; DE ARAÚJO JATENE, Íris. Ficção científica nas telenovelas brasileiras. In: **Zanzalá – Revista Brasileira de Estudos sobre Gêneros Cinematográficos e Audiovisuais**, v. 1, n. 1, 2011.

PUCCI JR., R. L.; ROCHA, S. M. (orgs.). **Televisão: Entre a Metodologia Analítica e o Contexto Cultural**. São Paulo: Editora à Lápis, 2016. Disponível em: [https://issuu.com/mteles13/docs/televisa\\_o\\_-\\_entre\\_a\\_metodologia\\_an](https://issuu.com/mteles13/docs/televisa_o_-_entre_a_metodologia_an).

ROCHA, S. M. **Estilo televisivo – E sua pertinência para a TV como prática cultural**. Florianópolis: Insular, 2016.

---

ROCHA, S. M.; FERRARAZ, R. (coord.). **Análise da ficção televisiva: metodologias e práticas**. Florianópolis: Insular, 2019.

ROSA, Franco de. **Grande Almanaque dos Super-heróis Brasileiros**. São Paulo: Chiaroscuro Studios, 2019.

SANTOS, A. F. **Distopia na cultura de massa: Netflix e a série 3%**. [Dissertação de Mestrado]. Guarulhos, SP: Unifesp, 2018.

SUPPIA, A. L. de O. **Atmosfera rarefeita: a ficção científica no cinema brasileiro**. SP: Devir, 2013.

SUPPIA, A. L. de O. **Limite de alerta! Ficção científica em atmosfera rarefeita: uma introdução ao estudo da FC no cinema brasileiro e em algumas cinematografias off-Hollywood**. [Tese de Doutorado]. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

THOMPSON, K. **Storytelling in Film and Television**. Cambridge; Londres: Harvard University Press, 2003.

## SITES CONSULTADOS

<http://teledramaturgia.com.br/o-sistema/>

<http://teledramaturgia.com.br/tarcisio-e-gloria/>

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/series/tarcisio-gloria/noticia/tarcisio-gloria.ghtml>

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/series/o-sistema/noticia/o-sistema.ghtml>

<https://revistadecinema.com.br/2013/07/criador-da-espaconave-de-jornada-nas-estrelas-trabalha-em-serie-brasileira-e-vem-ao-brasil/>

<https://www.museudatv.com.br/a-historia-da-tv-record/>

<https://www.rockpapershotgun.com/how-battle-royale-went-from-a-manga-to-a-fortnite-game-mode>

<https://www.techtudo.com.br/noticias/2012/06/webseries-brasileiras-fazem-sucesso-no-youtube.ghtml>